

Jornalistas Avaliam Questões De Teoria E De Prática Do Jornalismo ¹

Alice Mitika KOSHIYAMA²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

Este trabalho é parte de uma pesquisa sobre teoria e prática do jornalismo em que abordamos depoimentos de jornalistas sobre a prática profissional e sua relação com a vida e a história do seu tempo. Todos trabalham há mais de 40 anos na imprensa. São os brasileiros Luiz Cláudio Cunha, Jânio de Freitas, Lúcio Flávio Pinto e Elio Gaspari. E Soledad Gallego-Díaz, jornalista do jornal *El País* e conferencista na Universidade Autónoma de Madrid (UAM) para a turma de jornalismo em 2012. Em nossa amostra de jornalistas vimos a complexidade das práticas da profissão, a multiplicidade de conhecimentos, as opções éticas e a perspectiva humanista no trabalho em jornalismo. Concluimos que os jornalistas pesquisados representam profissionais defensores do interesse público, identificados com a ética e a educação permanente e contínua para todos.

Palavras-chave: jornalismo e cidadania; história de jornalistas; formação de jornalistas; Brasil; Espanha.

1. Histórias de Jornalistas

As escolhas dos sujeitos deste estudo foram definidas a partir da hipótese de que eles se distinguiram pela qualificação profissional nos quesitos competência técnica, opções éticas na profissão, compromisso com valores do estado democrático de direito e experiências no trabalho cotidiano a partir da segunda metade do século XX.

Também os escolhemos pela diversidade de experiências e por expressarem avaliações do seu trabalho, que poderiam desvendar perspectivas do jornalismo como conhecimento específico para ser propagado e legitimado. São eles: Luiz Cláudio Cunha (2011), Elio Gaspari (2014), Jânio de Freitas (2012), Lúcio Flávio Pinto (2011), Soledad Gallego-Díaz (2012).

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Docente da Escola de Comunicações e Artes (ECA-USP), curso de graduação em Jornalismo e orientadora do PPGCOM – Ciências da Comunicação, coordenadora do grupo de pesquisa Jornalismo e a Construção da Cidadania (Jorcid) certificado pelo CNPq. E-mail: alicemitika@yahoo.com

Colocamos em diálogo os princípios do jornalismo lembrados por Soledad Gallego Díaz, que marca a diferença entre essa prática profissional e o trabalho de comunicação, com as ações e idéias de jornalistas brasileiros deste estudo. Todos usam as tecnologias digitais para levantar dados, organizar seus trabalhos e manter comunicação com suas fontes e seus leitores nas suas práticas em jornalismo. Interessou-nos examinar como elaboram a percepção do valor do jornalismo para a sociedade e como área de negócios. E como, após tantas experiências no trabalho, avaliam suas relações com o mercado, as ideologias, a formação profissional, seus percursos como cidadãos do século XXI.

2. Jornalismo, informação e democracia

Aceitamos que o jornalismo é uma profissão imprescindível para a democracia na história e temos de reconhecer o seu vínculo com a construção e a defesa da cidadania para todos. Para tanto, é necessário examinar os desafios à ação dos jornalistas e definir em que consiste o desenvolvimento do seu trabalho.

A jornalista espanhola Soledad Gallego-Díaz avalia conhecimentos que esclarecem o lugar do jornalismo hoje em “Si te van a matar, no te suicides”, apresentado na abertura do 26º curso da Escuela de Periodismo El País, em 15/03/2012 (2012). Pronunciado para uma platéia em que também estavam presentes jornalistas e executivos da direção de *El País*, no momento em que aconteciam intensos embates internos sobre os rumos do jornalismo e dos negócios da empresa a que o jornal pertence. E que terminou com a demissão de cerca de 1/3 dos jornalistas em outubro de 2012 com a reestruturação da equipe. Cerca de 130 profissionais experientes perderam seus postos, e para a avaliação do processo criaram um lugar na internet (Comitê El País, 2012) em que documentam os acontecimentos e o confronto com a direção do principal executivo da PRISA, jornalista Juan Luis Cebrián.

Soledad Diaz reconhece nas mudanças tecnológicas e nos profundos desafios para as empresas voltadas para o jornalismo um momento revolucionário. Os jornalistas devem assumir os aspectos positivos das tecnologias e compreender que temos que atuar em um mundo em transformação. Mas recomenda que há práticas e valores que pertencem ao jornalismo como profissão fundamental para o estado democrático e que não podem ser eliminados. Ela lembra que o descrédito sobre o papel da imprensa é acompanhado pelo descrédito à democracia.

A jornalista, uma das responsáveis pela criação e consolidação do jornal *El País*, destaca: De puro medo da morte dos periódicos, os jornalistas terminarão por dar um tiro no jornalismo. A pior maneira de se suicidar é limitar-se a divulgar distintas versões sobre o que aconteceu. Jornalismo é indagar e buscar a verdade.” (GALLEGO-DÍAS, 2012)³

Gallego-Díaz detectou uma alteração estrutural no modelo de negócios da empresa jornalística “que se transformou em empresa de comunicação e se investigarmos, de telecomunicação,” alterando as formas de trabalhar e atingindo conceitos inamovíveis até então. (GALLEGO-DÍAS, 2012)⁴

Como pode o jornalismo sobreviver a essa nova realidade na história? Ela reflete sobre as possibilidades para enfrentar as mudanças, e condena tanto a nostalgia do jornalismo do passado como a passiva aceitação de que a profissão de jornalista está morta. Enfim não podemos aceitar que tudo virou comunicação e ela explica as razões.

Resumimos suas proposições:

- a) Uma forma de suicidar-se é acreditar que o jornalismo é “nosso”, de uma geração determinada de jornalistas (...). Essa é uma idéia muito letal e funesta, pois leva a não aceitar mudanças, a negar novas realidades e, sobretudo, impede precisamente o que é mais necessário, o debate aberto entre jornalistas de todas as gerações e de todos os meios, que nos permita recuperar a importância como profissionais.
- b) O problema não é se continuará a haver periódicos em papel ou em meios eletrônicos. O problema é: o que é o jornalismo nesta nova época, como as novas ferramentas o afetam e se essas ferramentas e novos processos podem deteriorar, ou mesmo destruir as regras básicas de nossa profissão.
- c) Outro modo de se suicidar é confundir jornalismo e comunicação. Quanto mais sei do mundo da comunicação, mais exigente eu fico como mundo do jornalismo. Tudo é jornalismo? De imediato que não. Talvez tudo seja comunicação, porém o jornalismo tem regras, normas e objetivos determinados. Que regras são essas? São as elaboradas por Kovach e Rossenstiel em seu livro “Elementos do jornalismo”:
“A primeira obrigação de um jornalista é a verdade”. Deve lealdade a todos os cidadãos. Sua essência é a disciplina da verificação. Deve manter a independência em relação àqueles a quem informa. (E também em relação às suas fontes, diria eu). Deve exercer um controle independente do poder.”
- d) (...) Gostaria também de lembrar as recomendações de Albert Camus aos jornalistas. Suas regras. Eram estas:
“Identificar o totalitarismo e denunciá-lo. Não mentir e saber confessar o que se ignora. Negar-se a qualquer forma de despotismo, ainda que contingencial.”
Querem nos convencer de que a verdade não existe. Mas claro que ela existe. Não se trata de verdades filosóficas, nem religiosas, nem judiciais, mas apenas a verdade relacionada aos fatos.

³ De puro miedo a la muerte de los periódicos, los periodistas terminaremos pegándole un tiro al periodismo. La peor manera de suicidarse es limitarse a vocear distintas versiones. Periodismo es indagar y buscar la verdad.

⁴ (...) un profundo cambio del modelo de la empresa periodística, que es ya una empresa de comunicación y, si me apuran, de telecomunicación, un cambio del modelo de negocio, y, consecuentemente, de las formas de trabajar; una revolución, incluso de conceptos que parecían inmovibles y que han saltado por los aires.

É essa verdade que ajuda a sustentação da democracia, porque dá ao cidadão instrumentos para chegar às suas próprias conclusões. E que dá aos cidadãos conhecimentos necessários para serem mais autônomos.

e) Outra maneira de suicidar-nos é se entregar à pressa. Sempre houve pressas neste ofício. (...)

Porém, uma coisa é trabalhar com pressa e outra, é suprimir completamente o contexto dos fatos para ganhar tempo.

Um periódico é uma publicação que transmite fatos, contextos, análises e opinião a respeito desses fatos em um momento concreto. Além disso, gera um espaço público de discussão, de discussão política não de comunicação.

f) O pior modo de se suicidar é deixar de perguntar aos fatos e limitar-se a dar voz a diferentes versões. Isso não é jornalismo. Voltamos à comunicação, que consiste em compartilhar mensagens, e não em investigar o que elas dizem de correto.

Jornalismo, insistamos, é investigar fatos, acontecimentos que tenham interesse público e fazê-lo respeitando algumas regras.

O que é de interesse público? .

A definição mais clara que encontrei é a que nos oferece o Código de Prática da “Press Complain Commission” do Reino Unido. Diz ele:

“É de interesse público detectar e expor delitos ou graves transgressões. Detectar ou expor uma séria conduta anti-social. Proteger a segurança e a saúde pública. Evitar que os cidadãos sejam confundidos por declarações ou atos de um indivíduo” (Especialmente se sua conduta contraria aquilo que ele prega.)”

g) (...) Não sabemos nada sobre o futuro. Os jornalistas sabem menos ainda. Limitemos a descrever o que acontece no presente e expliquemos porque acontece.

As utopias regressivas não nos servem. Porém não nos suicidemos com utopias sobre o que virá. A nós o que é nosso. Percamos essa cultura defensiva que nos prende e nos paralisa e comecemos a pensar e a discutir.

O jornalismo serviu à democracia e à sociedade e continua sendo vital para sua sustentação. Principalmente, nessas épocas de incerteza.

Jornalismo continua sendo a investigação dos fatos em busca da verdade. Porém para saber investigar os fatos, para saber perguntar sobre a verdade, falta ter treinamento e ofício. E orgulho e determinação.⁵

⁵a) Una manera de suicidarse es creer que el periodismo es "nuestro", de una generación determinada de periodistas, Esa es una idea bastante letal y funesta, porque lleva a no aceptar cambios, a negarse a ver las nuevas realidades y, sobre todo, porque impide precisamente lo que más necesitamos, un debate abierto entre periodistas de todas las generaciones y de todos los distintos medios, que nos permita recuperar influencia como profesionales.

b) El problema no es si sigue existiendo el periódico en papel o en la tableta. El problema es: qué es el periodismo en esta nueva época, cómo le afectan esas nuevas herramientas y si esas herramientas y nuevos procesos pueden deteriorar, o romper incluso, las reglas básicas de nuestra profesión.

c) Otro modo de suicidarse es confundir periodismo y comunicación. Cuanto más sé del mundo de la comunicación, más exigente me vuelvo con el mundo del periodismo. ¿Todo es periodismo? Desde luego que no. Quizás todo es comunicación, pero el periodismo tiene reglas, normas y objetivos determinados.

¿Qué reglas son esas? Las que elaboraron Kovach y Rosenstiel en su libro "Elementos del periodismo" "La primera obligación de un periodista es la verdad. Debe lealtad ante todo a los ciudadanos. Su esencia es la disciplina de la verificación. Debe mantener la independencia con respecto a aquellos a quienes informa. (Y con respecto a sus fuentes, diría yo). Debe ejercer un control independiente del poder..."

d) (...) Me gustaría también recordar las recomendaciones de Albert Camus a los periodistas. Sus reglas. Eran estas: "Reconocer el totalitarismo y denunciarlo. No mentir y saber confesar lo que se ignora. Negarse a cualquier clase de despotismo, incluso provisional". Quieren convencernos de que no existe la verdad. Pero existe, claro que existe. No se trata de verdades filosóficas, ni religiosas, ni judiciales, sino de la verdad relacionada con los hechos.

Es esa verdad la que ayuda al sostenimiento de la democracia, porque le da al ciudadano instrumentos para llegar a sus propias conclusiones. Que les proporciona conocimientos necesarios para ser más autónomos.

e) Otra manera de suicidarnos es rendirse a la prisa. Siempre ha habido prisas en este oficio. (...)

Pero una cosa es trabajar con prisas y otra, suprimir completamente el contexto de los hechos para ganar tiempo.

Un periódico es una publicación que transmite hechos, contextos, análisis y opinión al respecto de esos hechos en un momento concreto. Además genera un espacio público de discusión, de discusión política, no de comunicación.

Soledad Gallego-Díaz, nascida em 1951, foi correspondente estrangeira, redatora defensora dos leitores e ocupava o posto de diretora adjunta em 2013, ao fazer 27 anos em *El País* (2013). Atualmente é articulista semanal da coluna *Opinión* do mesmo periódico, e comentarista do programa de rádio “*Hoy por Hoy*” de la *Cadena SER*. Diariamente, às 7 horas da manhã apresenta “La mirada de Soledad Gallego-Díaz” sobre notícias em destaque

Em ‘¿Tan difícil es redactar claramente?’ *Cadena SER*, em 09-07-2015 comenta a redação ambígua do *Tratado de Libre Comercio entre la Unión Europea y Estados Unidos*, aprovado pelo Parlamento europeu. Competente na síntese, Gallego-Díaz havia explicado em um artigo a complexidade do acordo e os ganhos e perdas possíveis decorrente da aplicação desse tratado, em artigo para *El País* de 7 de junho de 2015 “*Lo que se quiere decir y lo que al final se dice*” Explicava que está em curso a segunda etapa da globalização, com a defesa dos interesses dos maiores grupos de pressão do mundo e em oposição aos movimentos sociais. Estão em risco direitos trabalhistas, meio-ambientais e democráticos, e a imprecisão do texto do acordo internacional possibilita essa insegurança. Ao destacar a imprecisão do texto do tratado, Gallego-Díaz detecta uma postura nas relações internacionais e interpreta os possíveis usos políticos, econômicos e sociais no momento em que houver casos concretos para serem resolvidos. A autora aplica na sua prática de jornalismo os seus valores éticos e políticos sobre a sociedade e os interesses dos cidadãos.

3. Jornalistas em diálogos

3.1 – Jânio de Freitas

f) La peor manera de suicidarse es dejar de indagar los hechos y limitarse a vocear las distintas versiones. Eso no es periodismo. Volvemos a la comunicación, que consiste en compartir mensajes, y no en averiguar qué tienen de cierto.

Periodismo, insistamos, es indagar en hechos, acontecimientos que tienen interés público y hacerlo respetando unas reglas. ¿Qué es de interés público?

La definición más clara que he encontrado es la que proporciona el Código de Práctica de la Press Complain Commission, del Reino Unido. Dice así:

"Es de interés público detectar y exponer delitos o graves fechorías. Detectar o exponer una seria conducta antisocial. Proteger la seguridad y la salud pública. Evitar que los ciudadanos sean confundidos por declaraciones o hechos de un individuo". (Especialmente si su conducta no se ajusta a lo que predica)

g) (...) Nadie sabe nada del futuro. Los periodistas, menos que nadie. Limitemos a describir lo que pasa en el presente y expliquemos por qué pasa.

Las utopías regresivas no sirven de nada. Pero tampoco nos suicidemos con utopías venideras. Nosotros, a lo nuestro. Perdamos esta especie de cultura defensiva que nos atenaza y nos paraliza y empecemos a pensar y a discutir.

El periodismo ha servido a la democracia y a la sociedad y sigue siendo vital para su sostenimiento. Sobre todo en estas épocas de incertidumbre.

Periodismo sigue siendo la indagación de los hechos en busca de la verdad. Pero para saber indagar en los hechos, para saber preguntar por la verdad, hace falta tener entrenamiento y oficio. Y orgullo y determinación.

No debate sobre os problemas do jornalismo impresso hoje, Jânio de Freitas diz que os grandes jornais não devem abrir mão do seu dever de selecionar as notícias, narrar os fatos de modo inteligível e interpretar os dados de modo claro e sucinto nas páginas impressas. Homenageado pela ABRAJI (2012), seus companheiros lembraram sua atuação no jornalismo desde os anos cinquenta do século passado, com inovações marcantes no Diário Carioca e o Jornal do Brasil. Jânio critica a prática atual de alguns veículos que postam a mensagem para o leitor: buscar na internet o que o impresso não ofereceu. Por que as pessoas iriam comprar um jornal que não lhes oferece uma informação completa? Elas podem sempre procurar detalhes na internet, não o principal. O jornal impresso comete suicídio ao procurar imitar a internet, a qual não deve ser vista nem como concorrente, muito menos como modelo. Outro ensinamento dele é sobre a importância das fontes de informação, que podem trazer dados exclusivos e confidenciais, na medida em que o jornalista souber respeitá-las e houver um pacto de confiança mútua.

Destaca que o êxito em seu trabalho de colunista de um jornal como a Folha de S. Paulo deve-se à confiança dos leitores, e vários deles enviavam informações exclusivas por saber que ele iria publicá-las, mas teria sempre o cuidado de preservar o sigilo da fonte. “A chave é a fonte, não o jornalista.”, afirma Jânio de Freitas (2014). Por isso, jornalistas devem sempre verificar os dados e confrontar as informações que recebem e saber filtrar os interesses que as acompanham.

Jânio de Freitas (2014) lembra que antes de 1964 havia a partidização da imprensa, mas o leitor sabia quais eram as preferências de cada jornal. Durante a ditadura, nos anos de maior repressão ele trabalhou em outro setor, para voltar ao jornalismo nos anos oitenta. Hoje nota a falta de rigor na apuração de vários fatos fartamente divulgados e as redações precárias desses trabalhos. Também condena atos irresponsáveis de alguns jornalistas que divulgam fatos sem medir os efeitos da publicação da notícia, verdadeira ou não, para os envolvidos, pois mesmo em casos sem interesse público acontecem atentados à privacidade das pessoas.

Manter a troca de informações entre os que vivenciaram o jornalismo em outros tempos e os novos que estão chegando. Mostrar o que pode ser feito hoje, ainda que as condições sejam difíceis, é o que anima jornalistas experientes. Para Jânio de Freitas a formação profissional deve ser contínua, pois a faculdade não tem condições de formar jornalistas prontos. A universidade pode preparar os estudantes para iniciar a prática nas redações, sob condições reais de produção. Ele defende a aprendizagem permanente, com a

avaliação do trabalho próprio e a leitura do que a imprensa produz e a constante observação das condições concretas para o exercício da profissão. (2014).

Reconhece o lugar da informação em uma sociedade democrática. E propõe idéias para a formação de jornalistas como “a dica para um jovem jornalista de favela”, ao dialogar com Artur Voltolini, que o entrevistou para o periódico online Favela 247:

Eu só diria a ele: Vá em frente. Descubra o seu mundo e descubra o seu jornalismo. Leia criticamente jornais. E ler livro é fundamental. Ter noção de história é muito enriquecedor. Ler autores críticos é muito importante. Leia, leia, leia e leia. O que pintar na frente leia. E depois você faz a seleção do tipo de coisa que mais te interessa, e vá em frente. Faça o seu jornalismo. E veja o que nele tem melhorado, o que não tem melhorado. O auto-aprendizado em jornalismo é muito importante. Rer e analisar o que você fez. Ouvir o que alguém possa dizer a respeito do que você escreveu. Isso nos orienta. (FREITAS, 2014)

3. 2 - Elio Gaspari

Elio Gaspari tornou-se conhecido pela sua atuação como repórter, redator e editor a partir na grande imprensa dos anos sessenta do século passado (Folha de S. Paulo, revista Veja e Jornal do Brasil). Atualmente é colunista político dos jornais Folha de S. Paulo e O Globo. É autor de pesquisa histórica sobre a ditadura militar, com a 2ª.edição da série lançada em 2014, e a postagem de documentos sobre a época em www.arquivosdaditadura.com.br. O historiador Daniel Reis Filho elogiou o autor da obra sobre a ditadura pelo texto e pela qualidade de sua pesquisa, em depoimento registrado pela ABRAJI (2014). Mas há os que repudiam suas análises jornalísticas e sua escrita da história da ditadura por dar voz aos militares que governaram e pelo uso das fontes militares.

Gaspari revelou suas técnicas de trabalho e suas fontes de aprendizagem. Destacou seu arquivo de dados, elaborado para classificar suas investigações históricas e jornalísticas e guardar suas fontes e anotações. Ele lembrou a importância de organizar informações em banco de dados para o seu trabalho no jornalismo e sugere que cada um deveria formar o seu, personalizado. Como entrevistador não usa gravador, conversa anotando. Gaspari explicou como se defende dos entrevistados que em determinadas respostas o fazem de bobo: ele anota trecho de um livro de ginásio, trecho que na edição da entrevista será descartado.

Aprender lendo, fazendo, ouvindo as críticas dos leitores de todos os tipos é algo salutar para estudantes nos cursos formais e para autodidatas. A aprendizagem na iniciação com os mais experientes é lembrada por Elio Gaspari em depoimentos, ao citar os seus

chefes nos empregos, depois de ter sido expulso da universidade (UFRJ) pela participação no movimento estudantil pós-golpe de 64. Cita 4 jornalistas que o formaram: Luiz Mário Gazzaneo, diretor de redação de *Novos Rumos* -- jornal do Partido Comunista Brasileiro (PCB) – ; Raul Azedo, diretor de redação de *A Notícia*; Waldomiro Guarnieri, dono de uma agência de notícias que entrevistava políticos no Aeroporto de Galeão; Ibrahim Sued, colunista social com quem trabalhou na coleta de dados para a coluna social dele. Aprendeu sob a coordenação deles: o exemplo de gestão de uma equipe de trabalho (Gazzaneo); como estruturar notícias, fazer títulos e *leads* (Raul Azedo); entrevistar políticos apressados que se repetem e que assumiam as falas redigidas pelo repórter para eles (Guarnieri); ser observador atento dos erros, organizador do trabalho e um homem educado com todos (Sued). Ao ser um jornalista, declara receber o permanente e competente acompanhamento profissional de sua mulher, a jornalista Dorrit Harrazim. Admite que comete erros no trabalho e procura corrigi-los.

Seus anos de formação o ensinaram a trabalhar com as fontes, conforme a importância que elas davam à informação e ao tratamento oferecido aos seus entrevistadores. Foi repórter, editor e chefe de redação e seus colegas destacam sua competência para levantar informações e as formas mais criativas para editá-las. A informação e os contatos feitos na prática do jornalismo e seu interesse pela história tornaram Elio Gaspari um dos poucos jornalistas que relatam acontecimentos sobre a história do tempo presente do Brasil e usam informações de arquivos, às vezes questionadas pelas personagens.

3.3 - Lúcio Flávio Pinto

O jornalista Lúcio Flávio Pinto, em depoimento a Alberto Dines (2011) lembra que só pode desenvolver seu trabalho pela relação de confiança construída ao longo de sua vida profissional com suas fontes e seus leitores. Houve situações em que teve acesso a dados com exclusividade porque repórteres de jornais locais recusaram a publicar as informações, como em um caso envolvendo a Polícia Federal e a repressão ao narcotráfico, em que ele foi o único que entrevistou um delegado porque os outros jornalistas presentes foram embora. Jornalistas também praticam a autocensura, além da censura patronal.

Lúcio Flávio Pinto é radical, em relação ao princípio ético da busca da verdade dos fatos. Sociólogo, trabalhou 18 anos em O Estado de S. Paulo, e como repórter fez muitas viagens custeadas pela empresa. Ao sair de lá, aplicou o dinheiro das indenizações

trabalhistas para fazer o seu jornal e decidiu viver modestamente para poder ter a liberdade de publicar de forma independente. É o único repórter, redator, editor de sua publicação do seu pequeno quinzenário, o *Jornal Pessoal*, do Pará, publicado em papel A-4 e impresso em off-set. Ele começou a publicação porque outros jornais grandes recusavam a publicar matérias que ele fazia e achava que os leitores deviam conhecer.

Recebeu em 2005 o *International Press Freedom* pelas denúncias que faz em defesa da Amazônia e dos Direitos Humanos, Lúcio Flávio Pinto luta contra o arbítrio e a truculência na grande imprensa da região. A credibilidade é o seu maior capital, destaca que nunca teve informação desmentida. Relata as tentativas feitas por interessados em comprar sua opinião em troca de anúncios, contribuições financeiras ocasionais ou permanentes. As formas de pressão para fazê-lo desistir vão de atos de violência física, de ameaças de morte aos inúmeros processos abertos na Justiça e que tomam tempo e dinheiro.

Para ele o jornal impresso é o documento com mais condições de permanência e confiabilidade, por isso mantém a publicação na internet, mas com atraso em relação ao jornal vendido em bancas e para assinantes. Para elaborar suas pautas e executar investigações sobre matérias de interesse público estuda os temas que se tornam notícias, pois conhecer o contexto dos fatos é que permite desvendá-los. Atualmente mantém uma página no *facebook* e relata em “a alternativa ameaçada” a dependência que tem da contribuição dos leitores para continuar:

(...) é para alertar meu caro leitor para a crise em que mergulha o *Jornal Pessoal*. Sua vendagem caiu abaixo do limite da – como se diz – sustentabilidade. (...) Condição que se deve a essa tendência universal da mídia e, segundo alguns, ao surgimento deste blog, que desviou ainda mais o leitor da publicação em papel. Para complicar a situação, a contribuição pública para a manutenção deste espaço também emagreceu (...).
Faço a comunicação em tom de alerta para que os defensores de uma imprensa crítica, democrática e alternativa reflitam sobre o papel que lhes cabe nessa romaria. Carregando o andor, talvez, com o cuidado necessário e a dedicação requerida. (PINTO, 2015)

Lúcio Flávio faz um jornalismo de interesse público e acredita no jornalismo como atividade de esclarecimento e propagação de informações que devem ser ampliadas e é um projeto contra o poder das elites dominantes na sociedade brasileira.

3.4 - Luiz Cláudio Cunha

Saber fazer perguntas e registrar as respostas, avaliá-las e continuar formulando novas perguntas e cuidar de fixar o que se descobre, é a síntese das idéias do jornalista Luiz

Cláudio Cunha, apresentadas no seu resumo crítico da história do jornalismo ao receber o título de “doutor honoris causa” em Jornalismo pela Universidade Nacional de Brasília (UNB). Ele destaca: fazer perguntas em busca de respostas para temas e problemas da sociedade é o trabalho para os jornalistas brasileiros hoje. Os fatos não esclarecidos que ocorreram na ditadura brasileira dos anos 60 e 70 no Brasil instigam o jornalista:

Os atuais comandantes militares brasileiros foram cínicos nas críticas que fizeram ao projeto do próprio Governo sobre a Comissão Nacional da Verdade, destinada a investigar violações da ditadura aos direitos humanos. Falando em nome do Exército, Marinha e Aeronáutica, no documento revelado pelo jornal O Globo em março passado, os oficiais-generais escrevem: "Passaram-se quase 30 anos do fim do governo chamado militar...".

Só um raciocínio de má-fé explícita impede que se identifique o finado regime de 64 pela palavra que o define com precisão: uma ditadura, nascida do golpe que derrubou o presidente constitucional, trocado pelo rodízio no poder de cinco generais, com atos de força que esmagavam a Constituição, apoiados num dispositivo repressivo que prendia, torturava e matava, julgando civis em tribunais militares, sufocando a política, impondo censura, decretando cassação e forçando o exílio.

Pergunto: Os militares fizeram tudo aquilo e ainda duvidam do que fizeram? Afinal, querem que chamem tudo aquilo do quê?

Lamento que quase ninguém, na imprensa ou no Parlamento, tenha repudiado este desrespeito oficial para com a história recente do país.

É justo lembrar que, nesse pedaço feio da história, os militares não estavam sós. Tinham ao seu lado toda a grande imprensa brasileira, não apenas nos editoriais raivosos, mas na conspiração científica que mobilizou o empresariado nacional nos três anos que antecederam o golpe – como revelou em 1981 o historiador e cientista político uruguaio René Armand Dreifuss (1945-2003), professor da Universidade Federal Fluminense, em seu clássico *1964: A conquista do Estado*. (CUNHA, 2011)

Coerente com suas posições éticas e políticas, Luiz Cláudio Cunha integrou a Comissão Nacional da Verdade até ser demitido do grupo por divergências operacionais. Em 2014 escreveu uma reportagem escreveu uma reportagem: “Afinal, quem mente? Dilma ou os generais?” no impresso [jornal JÁ](#) de Porto Alegre, RS, 31/07/2014. O texto foi reproduzido no Observatório da Imprensa, em 05/08/2014 e desafiava a posição oficial dos comandantes militares que negavam ter ocorrido torturas nas dependências das Forças Armadas no período da ditadura:

Para atender a um minucioso requerimento de 115 páginas enviado em 18 de fevereiro passado pela Comissão Nacional da Verdade (CNV), as Forças Armadas (FFAA) reuniram suas tropas para produzir um (...) conjunto de 455 páginas de relatórios militares que não relatam, de sindicâncias que não investigam, de perguntas não respondidas, de respostas não perguntadas e de conclusões nada conclusivas, camufladas em um cipoal de decretos, leis, portarias, ofícios e velhos recortes de jornais falecidos.

Um histórico fiasco que passou em branco pela indolente imprensa brasileira, confinada a um registro burocrático, preguiçoso, sobre o sonso documento de resposta das FFAA.

A maçaroca militar ignorada pelos jornalistas tem de tudo. Tudo para defender o indefensável, para sustentar o insustentável, para dizer o indizível na novolíngua dos generais: nunca houve tortura, nunca aconteceu nenhuma grave violação aos direitos humanos nos quartéis nos 21 anos do regime militar imposto em 1964 pelas Forças Armadas que derrubaram o presidente João Goulart.

A sindicância das FFAA lembra, mais pela tragédia do que pela piada, a histórica charge do humorista e jornalista Millôr Fernandes (1923-2012) na edição de maio de 1974 da revista *Veja*, que mostra um preso esquelético pendurado na parede de uma masmorra.

Da fresta na porta da cela surge o comentário consolador do carcereiro: “Nada consta”. Por causa da piada, a ditadura sem graça dos generais endureceu ainda mais a censura sobre a revista então dirigida por Mino Carta. Em resumo, é a pilhéria que repetem exatos 40 anos depois os militares brasileiros, diante das indagações da CNV sobre tortura e morte em seus quartéis: “Nada consta”.

Para expor esta cômica contradição em termos, que põe em dúvida até a existência da ditadura, os generais brasileiros recorreram a um arsenal de papel concentrado em 268 páginas do relatório da Marinha, 145 da Aeronáutica e 42 do Exército, um conjunto sem serventia que a Comissão Nacional da Verdade fuzilou sem dó nem piedade.

Durante meses, os pesquisadores da CNV, auxiliados por especialistas da Universidade de São Paulo (USP), juntaram documentos, testemunhos e perícias para montar um consistente relatório que prova a ocorrência de graves violações aos direitos humanos nos sete endereços mais notórios da repressão coordenada pelos militares, situados no Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Pernambuco.

No início de 1970, naquele lugar listado pela CNV, sofreu durante 22 dias de suplício uma estudante mineira de 22 anos, integrante dos quadros de comando do grupo guerrilheiro Vanguarda Armada Revolucionária-Palmares (VAR-Palmares), onde era conhecida pelos codinomes de ‘Estela’ ou ‘Vanda’. Na ficha da polícia, ela era identificada como Dilma Vana Rousseff, ou Linhares, seu nome de casada. Passadas quatro décadas, a guerrilheira, presa e martirizada ‘Estela’ tornou-se a presidente da República Dilma Rousseff. Foi investida assim, pela força da democracia, na condição de Comandante-Suprema das Forças Armadas. A torturada Dilma é, desde 2011, a chefe incontestável dos comandantes militares que hoje negam a tortura. Cria-se, assim, uma insuperável contradição ética e institucional entre a autoridade máxima do País e seus comandados de farda: Quem está dizendo a verdade? A presidente da República ou os comandantes das FFAA?

Ou, dito de outra forma, quem está mentindo? Dilma ou os generais? (CUNHA, 2014)

O jornalista Luiz Cláudio Cunha dá a sua resposta em seu trabalho de jornalista publicado em um jornal alternativo de Porto Alegre, que tirava cerca de 2.000 exemplares, e passou despercebido para a maioria dos brasileiros. É um exemplo de como podemos ligar os fatos da história com a prática do jornalismo, com dados concretos denunciou a prática da tortura pelo regime. Este e outros trabalhos de Luiz Cláudio Cunha foram reproduzidos no blog do seu amigo jornalista Ricardo Setti (2012-2014), no site da *Veja* da Editora Abril. Ele estimula o debate político e só não aceita em seu blog a defesa da volta da ditadura, é contra a revisão da Lei da Anistia, enquanto Cunha é a favor. Leitores postam comentários,

defendem ou atacam os argumentos, indicam outros textos e até fazem reparos à redação dos textos. Setti contribui para fazer aflorar idéias que ultrapassam confrontos maniqueístas entre os participantes. Luiz Cláudio Cunha recebeu críticas contundentes de leitores discordantes de suas posições políticas, e até reparos à redação e educação ao texto. (SETTI, 2012)⁶

A posição dos comandantes das Forças Armadas em 2014 negando a prática da tortura de presos políticos nas dependências da instituição, mereceu um desmentido em reportagem sobre a memória da própria tortura da jornalista Miriam Leitão para o Globo News, trabalho divulgado e comentado no Observatório da Imprensa por Luiz Cláudio. Cunha (2014). Contar para toda a sociedade o que foi o processo histórico da ditadura com uma revisão do passado ainda desconhecido, mistificado ou mitificado depende de uma educação e de um jornalismo de interesse público.

4. Formação para o jornalismo e a democracia

As observações sobre parte das histórias de vida, das obras e das idéias dos jornalistas que examinamos mostram que, de alguma forma, todos os jornalistas pesquisados defendem o interesse público tal como debateu Soledad Gallego-Díaz em seu texto para El País. Cada jornalista vivendo as possibilidades da sua formação, experiência e opção ideológica.

Que esta não é uma profissão para cínicos, diz ela citando Kapuzcinski. E divulga o documento emocionante publicado pelos jornalistas guatemaltecos, talvez um dos mais ameaçados no mundo:

“Não foi fácil para os jornalistas perder o medo diante dos poderosos. Mas, para que serve o jornalismo, se não é para que o resto da sociedade tenha a informação para enfrentar esses medos?”

É importante para a sociedade o trabalho com jornalismo investigativo. Exige contexto, credibilidade, testemunho, verificação. Todas essas técnicas exigem algum tempo e em nenhuma circunstância devemos abandoná-las. Devemos ter clareza sobre este ponto. Se as abandonamos, nos suicidamos.(GALLEGO-DÍAZ, 2012)⁷

⁶ Ver comentário de Caio Francisco Cassaro ao texto: <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/politica-cia/o-jornalista-luiz-claudio-cunha-responde-aos-leitores-que-duvidaram-dos-numeros-de-vitimas-da-ditadura-apresentados-em-seu-texto/>

⁷ "Nadie dijo que fuera fácil para los periodistas perder el miedo ante los poderosos. Pero, ¿para que sirve el periodismo, si no es para que el resto de la sociedad tenga información con la que enfrentar esos miedos?". El periodismo de indagación sigue siendo un trabajo importante para la sociedad. Exige contexto, credibilidad, testimonio, verificación. Todas esas técnicas exigen un cierto tiempo y no deben abandonarse por ninguna circunstancia. Eso es algo que debemos tener claro. Si lo abandonamos, nos suicidamos.

Os jornalistas da nossa pesquisa mostraram a importância de estudar e o jornalismo e sua relação com a sociedade. Mostraram as dificuldades específicas da profissão, os estímulos para fazer o trabalho, a prática dos valores éticos e políticos, a capacitação para a análise da conjuntura e da estrutura social, a percepção dos interesses das pessoas que são as fontes de informação, o saber decidir quando publicar ou não o que se sabe ao pesar os efeitos da notícia sobre a vida de seres humanos. Enfim, o jornalismo vale, mas a prática de jornalismo não é comunicação. E os jornalistas precisam ser formados para seu trabalho, conforme aprendemos com as histórias de vida levantadas neste trabalho.

Para a formação de quem vai ser um jornalista Soledad Gallego Díaz recomenda em entrevista ao JOT DOWN (2012) estudos sistemáticos em uma área de conhecimentos na universidade, que ofereça um método sólido e sério de focar os problemas e investigá-los em geral. Conhecer teorias, métodos e práticas de qualquer área das ciências ou das artes é importante. Aprender teorias e técnicas de jornalismo não basta. Um jornalista deve ser, e ser um ser humano dotado de:

Curiosidade. Senso de justiça, também. Aborreço-me muito as escolas de jornalismo, nas universidades, que dizem aos alunos ser possível demonstrar uma coisa e o seu contrário. Isso não é verdade. Ser desonesto não é um requisito para ser jornalista. Parece que agora se projeta que nós jornalistas somos seres desonestos... pois não. É preciso ser honesto, antes de tudo como ser humano. Como jornalista também, e como ser humano especialmente. Com nossos problemas, com nossas preocupações e com todas as limitações, porém mantendo um grau de honestidade. Uma capacidade de indignação e um desejo de contar as coisas que vemos. O jornalismo tem uma parte de testemunho. Creio ser muito importante ver algo e contá-lo. Contá-lo conforme as regras, não como este “jornalismo cidadão”... jornalismo não é um simples relato, uma comunicação.(GALLEGO-DÍAZ, 2012)⁸

Concordamos com a autora e conhecemos vários cursos destinados a formar jornalistas organizados a partir dos mesmos princípios pedagógicos. Citamos 3 com estruturas burocráticas diferentes que seguem o princípio da formação na universidade mais a formação especializada em jornalismo. Em nível de graduação temos o curso de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP).

⁸ *Curiosidad. Sentido de la justicia, también. Me fastidia mucho que en las escuelas de periodismo, en las universidades, les digan a sus alumnos que se puede demostrar una cosa y la contraria. Eso no es verdad. Ser deshonesto no es un requisito para ser periodista. Parece que ahora se plantea que los periodistas somos seres deshonestos... pues no. Hay que ser honesto, primero como ser humano. Como periodista también, pero como ser humano especialmente. Con nuestros problemas, con nuestras preocupaciones y con todo lo que va aparejado, pero manteniendo un grado de honestidad. Una cierta capacidad de indignación y un deseo de contar las cosas que ves. El periodismo tiene una parte de testimonio. Creo que es muy importante verlo y contarlo. Contarlo de acuerdo a unas normas, no como este "periodismo ciudadano"... el periodismo no es un mero relato comunicacional. <http://www.jotdown.es/2012/03/soledad-gallego-diaz-el-pais-no-es-un-periodico-de-izquierdas-nunca-lo-ha-sido-y-nunca-ha-pretendido-serlo/>*

O curso da UAM, Universidade Autônoma de Madrid e o curso da Universidade de Columbia, são estudos de pós-graduação em jornalismo, que recebem formados em diferentes áreas da universidade.

REFERÊNCIAS

COMITÉ EL PAÍS. **Comité El País** - Sítio organizado pelos jornalistas despedidos de El País: Madrid. 2012. <http://elpaiscomite.blogspot.com.br/>, Última consulta em 20/03/2015.

CUNHA, Luiz Cláudio. “Todos temos que lembrar”, discurso título de doutor “honoris causa” em jornalismo, Brasília: UNB, 2011.
<http://www.unb.br/noticias/unbagencia/unbagencia.php?id=5052>. Última consulta em 15/03/2015.

_____. “Generais omitiram até os 22 dias que Dilma Rousseff amargou no DOI CODI.”. **jornal JÁ**, Porto Alegre, RS, 31/07/2014.
<http://jornalja.com.br/generais-omitiram-ate-os-22-dias-que-dilma-rousseff-amargou-no-doi-codi/>.

Ou: Observatório da Imprensa, 05/08/2014, edição no. 810.

<http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/ed810-quem-mente-a-presidente-ou-os-generais>, Última consulta em 15/03/2015.

_____. MÍRIAM LEITÃO - A repórter pergunta, o ministro gagueja, São Paulo, Observatório da Imprensa, 19/08/2014, edição 812.

<http://observatoriodaimprensa.com.br/caderno-da-idadania/ed812-a-reporter-pergunta-o-ministro-gagueja/>

Última consulta em 14/07/2015.

FREITAS, Jânio de. Jornalismo, carreira, vida. Roda Viva/ Tv. Cultura SP, transmitido ao vivo em 06/08/2012. <https://www.youtube.com/watch?v=N0ZJ1ZFRA3Y>. Consulta em 26/02/2015.

_____. Homenagem aos 60 anos de profissão do jornalista Janio de Freitas, 7º.

Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo-ABRAJI, São Paulo: ABRAJI, 13/07/2012. <https://www.youtube.com/watch?v=pyU1WUyd8HI>. Consulta em 09/07/2015.

_____. Entrevista feita em dezembro de 2012. Disponível a partir de 26/04/2014 em <https://www.youtube.com/watch?v=Qy5ek6Z9Q2I>

Íntegra da entrevista para o documentário sobre mídia e democracia, dirigido por Jorge Furtado. "O Mercado de Notícias". www.omercadodenoticias.com.br. Consulta em 20/03/2015

_____. Exclusivo favela 247: janio de freitas fala sobre upps, eleições e (mau) jornalismo. [Entrevista a Artur Voltolini]. **Favela 247**. Rio de Janeiro:

24/05/2014. [http://www.brasil247.com/pt/247/favela247/140508/Exclusivo-Favela-247-Janio-de-Freitas-fala-sobre-UPPs-ele%C3%A7%C3%B5es-e-\(mau\)-jornalismo.htm](http://www.brasil247.com/pt/247/favela247/140508/Exclusivo-Favela-247-Janio-de-Freitas-fala-sobre-UPPs-ele%C3%A7%C3%B5es-e-(mau)-jornalismo.htm). Consulta em 10/07/2015.

GASPARI, Élio. Cerimônia de Homenagem a Elio Gaspari – 9º. **Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo—ABRAJI**. São Paulo: ABRAJI, 05/08/2014,

<https://www.youtube.com/watch?v=3Z2w0RAug-0&feature=youtu.be>. Última consulta em 03/03/2015.

_____. **Site com documentos referentes à Coleção Ditadura**, reedição revista e ampliada, Rio: Editora Intrínseca, 2014 (4 volumes). www.arquivosdeditadura.com.br . Consulta em 13/07/2015.

GALLEGO-DÍAZ, Soledad. “Si te van a matar, no te suicides”, apresentado na abertura do 26º curso da Escuela de Periodismo EL PAÍS, **El País** : Madrid, 15/03/2012, http://elpais.com/elpais/2012/03/15/opinion/1331836802_010235.html . Última consulta em 20/03/2015.

_____. “**El País no es un periódico de izquierdas; nunca lo ha sido y nunca ha pretendido serlo**” [Entrevista a E. J. Rodriguez], publicado em **JOT DOWN**: Madrid, 03/2012. <http://www.jotdown.es/2012/03/soledad-gallego-diaz-el-pais-no-es-un-periodico-de-izquierdas-nunca-lo-ha-sido-y-nunca-ha-pretendido-serlo/> . Última consulta em 14/07/2015.

_____. Soledad Gallego Díaz, Periodista. Madrid, 2013. <http://www.periodistadigital.com/verdadmentira/personajes/soledad-gallego-diaz.shtml> . Última consulta 14/07/2015.

_____. La Mirada De Soledad Gallego-Díaz - ¿Tan difícil es redactar claramente?: Madrid, 2015. http://cadenaser.com/programa/2015/07/09/hoy_por_hoy/1436397914_434660.html , Última consulta em 14/07/2015

_____. “Lo que se quiere decir y lo que al final se dice”, Madrid: **El País**, 7 de junho de 2015, http://elpais.com/elpais/2015/06/05/opinion/1433501049_443980.html . Última consulta em 15/07/2015

PINTO, Lúcio Flávio.[Entrevista a Alberto Dines] , OInaTv(1/3) - Lucio Flávio e o Jornal Pessoal - 20/12/2011, <http://www.youtube.com/watch?v=JaGyhj0zD30&feature=related>
_____.[Entrevista a Alberto Dines] ,OInaTv(2/3) - Lucio Flávio e o Jornal Pessoal - 20/12/2011, <https://www.youtube.com/watch?v=qzabpLT24uk>
_____.[Entrevista a Alberto Dines] , OInaTv(3/3) - Lucio Flávio e o Jornal Pessoal - 20/12/2011, <https://www.youtube.com/watch?v=sdlWj7cqdoY>
Última consulta em 15/03/2015.

_____. **A alternativa ameaçada** , publicado em 27/03/2015, <https://www.facebook.com/pages/L%C3%BAcio-Fl%C3%A1vio-Pinto/141568969261232> ou em <https://lucioflaviopinto.wordpress.com/2015/03/27/a-alternativa-ameacada/> Última consulta em 15/07/2015.

SETTI, Ricardo. Textos de Luiz Cláudio Cunha **escritos** entre 2012 a 2014, republicados em: <http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/tag/luiz-claudio-cunha/> , Consulta em 15/07/2015.